

A chegada de uma primavera ecosófica. Comentário de Uma mudança de paradigma de Félix Guattari.

por JEAN-SÉBASTIEN LABERGE

tradução por Felipe Shimabukuro

Abstract

This contribution is a commentary to Félix Guattari's previously unpublished conference "A Paradigm Shift". It aims to contextualize this 1986 text by situating the idea of a paradigm shift in relation to Guattari's critique of scientism, but also by presenting the contemporary events to which he refers and especially by insisting on the innovative aspect, namely the promotion of an ethical-aesthetic paradigm that marks the arrival of an ecosophical spring.

Para além de sua agradável concisão e clareza, “Uma mudança de paradigma” é um texto importante dentro da obra guattariana porque, além de evocar os principais temas de seu pensamento, pela primeira vez Félix Guattari formula uma proposta que se tornará em seguida um elemento determinante de sua ecosofia : a reivindicação de um paradigma ético-estético. Ele também marca um momento pivô de sua obra porque anuncia, em pleno inverno neoliberal, a chegada de uma primavera ecosófica para barrar o congelamento do *socius*. Precisemos aquilo que queremos dizer. Em primeiro lugar, observemos que, nessa contribuição de dezembro de 1986, Guattari aborda as temáticas que caracterizam seu trabalho desde o início dos anos 70: impacto do capitalismo e novas tecnologias incidindo sobre os processos de subjetivação, existência de revoluções moleculares, crítica do reducionismo e perigo do conservadorismo. Em segundo lugar, enfatizemos o aspecto inovador desse texto: a ideia de um paradigma ético-estético que conjuga responsabilidade moral e atitude criativa, entendidos em termos de compromisso micropolítico e resingularização das práticas. Obviamente não é a primeira vez que Guattari fala de compromisso micropolítico e re-singularização das práxis! No entanto, trata-se da primeira ocorrência de sua reivindicação de um *paradigma ético-estético* que será característico de seus últimos escritos (1985-1992)¹.

¹ Aqui sigo a periodização proposta por Stéphane Nadaud (Guattari 2013: 11-13), que segue a publicação de diferentes coletâneas de textos de Guattari: 1955-1971 *Psychanalyse et transversalité* (1972); 1972-1980 *Révolutions moléculaires* (1977; 1980); 1980-1985 *Les années d'hivers* (1986); 1985-1992 *Qu'est-ce que l'écologie?* (2013). O período ecosófico datando da adesão de Guattari ao partido francês Os Verdes, dia 8 de junho de 1985.

Esta conferência de Guattari foi apresentada como parte do *3º encontro da Rede Latino-Americana de Alternativas à Psiquiatria*, que se realizou de 17 a 21 de Dezembro de 1986 em Buenos Aires, no Hospital Psiquiátrico Borda, o maior da Argentina.² Além de Guattari, gostaríamos de destacar a presença de Robert Castel e Franco Rotelli, mas também do Movimento dos Trabalhadores da Saúde Mental, cujo famoso slogan "Por uma sociedade sem manicômios" foi adotado neste encontro. Infelizmente, a situação política no Uruguai no ano seguinte fez com que a 4ª reunião ali prevista nunca se realizasse.

Guattari inicia sua fala mencionando que é a evolução dos procedimentos de modelização da subjetividade capitalística que justifica uma mudança de paradigma no campo "psi". Desde os anos 70, Guattari defende que a transformação dos meios de produção também é uma mutação dos processos de subjetivações que passa ao mesmo tempo por uma molecularização do desejo e uma miniaturização dos aparelhos de captura (Guattari 2012a: 73). Não somente as novas tecnologias – em particular a da informação e da comunicação [NTIC] – transformaram de modo irreversível o conjunto de nossas relações, devastando assim os territórios existenciais que havíamos herdado, mas o capitalismo é mestre em mobilizá-los para integrar todas as atividades humanas a suas engrenagens. É exatamente nesse sentido que Guattari fala do Capitalismo Mundial Integrado [CMI] e é pertinente lembrar que ele considera que seu primeiro objetivo é a produção de subjetividades sujeitadas a seu poder micropolítico. Em suma, houve uma importante transformação nos meios de produção das subjetividades, portanto as práticas de luta contra a alienação têm que mudar.

No entanto, de acordo com sua compreensão da revolução molecular, Guattari defende que as novas tecnologias favorecem a enunciação de desejo minoritário, não apenas através da liberação de desejos molecularizados e do desaparecimento dos antigos territórios existenciais, mas também, e provavelmente acima de tudo, através das novas potencialidades virtuais que elas veiculam. Longe de se reduzir a uma fixação ou retorno para trás, as minorias organizadas aspiram, segundo Guattari, a re-singularizações, ou seja "um povo múltiplo, um povo de mutantes, um povo de potencialidade" (Guattari; Rolnik 2007: 11) que enuncia novas sensibilidades e valores, que procura criar novos territórios.

Nesse sentido, é interessante mencionar quais são os acontecimentos recentes na França aos quais Guattari se refere (Guattari 2019: 7). Em novembro de 1986, os estudantes franceses se mobilizam pelo acesso à educação e utilizam o serviço telemático recém-criado "3651 Alter" da rede minitel para se organizar. A rede francesa minitel é de certo modo uma pré-internet e o serviço "3615 Alter" – do qual Guattari participa desde sua criação no outono de 1986 até o fim da aventura no início de 1990 – permite

² Mencionemos que o *1º encontro da rede latino-americana de alternativa à psiquiatria* aconteceu em Cuernavaca, México, de 2 a 6 de outubro de 1981 e que a contribuição de Guattari "Revolução molecular" está disponível em Marcos, Sylvia (éd.). 1983. *Manicomios y prisiones*. Mexico: Red Ediciones, pp.25-30. Além disso, Guattari não participou do 2º encontro, realizado em Belo Horizonte de 28 de outubro a 3 de novembro de 1983.

compartilhar e acessar uma informação descentralizada quase em tempo real (Prince; Videcoq 2005). O movimento dos estudantes se ampliou rápida e massivamente e o governo socialista recua no início de dezembro de 1986. Para Guattari, a rede *Alternatik* possibilitou uma “revolução tranquila nos costumes dos movimentos de lutas”, “uma expressão mais democrática” e “uma comunicação transversal” (Guattari 1989a: 13, 14). Essa mudança de natureza dos movimentos de liberação atestada por esses acontecimentos segundo Guattari, remete, sem que ele utilize a palavra nessa apresentação em Buenos Aires, à era pós-midiática que ele tem vindo a apresentar teoricamente durante o ano passado, em ação há muito tempo e sobretudo, que será então inseparável da sua ecosofia³. As tecnologias não estão inevitavelmente fadadas a servir à integração capitalista.

Portanto, é nessa atualidade pós-midiática e de revolução molecular que Guattari aborda a questão dita da saúde mental e propõe, “para simplificar”, uma passagem de um paradigma técnico-científico a um *paradigma ético-estético*. No entanto, antes de elucidar essa expressão, cuja primeira ocorrência encontra-se aí, é preciso mencionar que ele amadurece essa ideia de uma mudança de paradigma há algum tempo. A necessidade de uma revolução parte da constatação que ele enuncia claramente na conferência do dia 24 de janeiro de 1984, segundo a qual o “o campo psi’ está obcecado por uma preocupação com referências científicas” (Guattari 1986b: 41; cf. Guattari 1989b: 47). Ele já concluía que “a essência do campo ‘psi’ diz muito mais respeito à criação estética ou à política ou à micropolítica ou ao engajamento social ou à religião ou a todos esses tipos de disciplinas do que à ciência, e que não se trata de lamentá-lo, mas, pelo contrário, de reivindicá-lo” (Guattari 1986b: 59-60; cf. Guattari 2012b: 80). De modo que ele defende, dia 28 de junho de 1985 em Roma, que apesar da contribuição inegável dos esforços efetuados até então para transformar a psiquiatria, tais esforços apenas adiaram “a questão de uma reconversão verdadeiramente radical da psiquiatria, aquilo que, em outros registros, chamaríamos de mudança de paradigma” (Guattari 1986a: 232). Em seguida, ele precisa seu pensamento em Trieste em setembro de 1986 ao insistir na importância da conceitualização do inconsciente para os “campos de criatividade institucional e de re-complexificação da subjetividade” e enfatiza que é “óbvio que essas ideias de

³ A primeira ocorrência de “pós-mídia” data de setembro de 1983 (1986a: 58), mas é apenas no final de 1985 e início de 1986 que ele começa a mencioná-la regularmente, ou seja, no “Pós-facio” de *Anos de inverno*, que data de agosto de 1985 (1986a : 284) e a “introdução” desse mesmo livro publicada dia 16 de janeiro de 1986 em *La Quinzaine littéraire* 455, mas sobretudo o capítulo de *Cartografias esquizoanalíticas* “Do pós-modernismo à era pós-mídia”, cujo tapuscrito conservado no IMEC leva a data de dezembro de 1985 – escrito na ocasião de uma conferência no Japão em novembro de 1985 e uma conferência em Paris dia 10 de janeiro de 1986, parcialmente publicada mais tarde dia 1º de fevereiro de 1986 em *La Quinzaine littéraire* 456. No fim de sua vida, Guattari defenderá claramente que “Sem mudança de mentalidades, sem a entrada numa era pós-midiática, não haverá tomada de consciência duradoura sobre o meio-ambiente. Mas, sem modificação do meio-ambiente material e social, não haverá mudança de mentalidades. Encontramo-nos aqui na presença de um círculo que leva a postular a necessidade de fundar uma ecosofia articulando a ecologia ambiental à ecologia social e à ecologia mental.” (2013: 494)

processualização e singularização encontrarão paradigmas melhores nas disciplinas artísticas do que nas ciências físicas ou matemáticas” (Guattari 1987: 119, 121). Guattari está pensando no sistemismo da terapia familiar e nos matemas lacanianos, que não apenas fazem com que sua concepção do inconsciente esteja assentada em pretensões científicas para autojustificar-se (cientificismo), mas também impedem, ao se fecharem num modelo de relações sistêmicas ou numa ordem simbólica pré-definida (reducionismo), de apreender e tratar as subjetividades dissidentes em sua codificação, isto é, as subjetividades mutantes que proliferam nesse momento de revolução molecular. Portanto, é fixando-se em universais, ou seja, às custas de um corte em relação às variações históricas, que tais concepções dominantes da saúde mental adquirem uma cientificidade de aparato. Enfatizemos que dentro do conjunto dos próximos textos, Guattari vai preferir sistematicamente a expressão desvalorizante de paradigma *cientificista* ao invés de (técno-)científico que será retomado de modo positivo para caracterizar a ciência em relação à filosofia e à arte (Guattari 1992: 140).

Portanto, o desejo de pôr um fim no paradigma *cientificista* no campo “psi” não é novo, mas o pronunciamento de dezembro de 1986 se distingue porque, pela primeira vez, a perspectiva de Guattari ganha consistência através da ideia de um *paradigma ético-estético* que será desde então onipresente sob diversas declinações. Esse paradigma, do qual ele se reivindica doravante de modo contínuo, implica portanto ao mesmo tempo um aspecto ético, isto é, “uma responsabilidade moral, um engajamento micropolítico”, e um aspecto estético, ou seja, “uma atitude criativa que raportarei ao tema genérico da re-singularização das práxis” (Guattari 2019: 7). Em outros termos, o paradigma ético-estético visa a emergência de novas práxis (teóricas e práticas) ao convidar para estar à altura da singularidade (de cada caso), isto é, um engajamento em relação à diferença que se reinventa continuamente. A inspiração clínica de Félix Guattari sempre foi de possibilitar a expressão e coabitação de modos singulares de viver, uma complexificação contra todas as formas de simplificação, redução e homogeneização.

É interessante enfatizar que as duas perspectivas que constituem o paradigma promovido por Guattari evoluirão paralelamente em seguida. Em 1989, o aspecto ético se tornará “uma ecosofia de caráter ético-político” (Guattari 1989c: contracapa) que ele apresentará como “a perspectiva de uma escolha ético-política da diversidade, do dissenso criador, da responsabilidade em relação à diferença e à alteridade” (Guattari 2013: 33). Ao passo que um novo paradigma estético – “o da criação e composição de perceptos e afetos mutantes” (Guattari 1992: 127) – substituirá em outubro de 1991 em Buenos Aires o paradigma ético-estético proposto na mesma cidade 5 anos antes⁴. No

⁴ Enfatizemos que o capítulo de *Caosmose* “O novo paradigma estético” é a contribuição que Guattari propõe no âmbito do imponente *Encuentro Interdisciplinario Internacional Nuevos Paradigmas, Cultura y Subjetividad* organizado pela Fundación Interfas em Buenos Aires de 19 a 28 de outubro de 1991 (in Schnitman, Dora Fried (éd.). 1994. *Nuevos Paradigmas, Cultura y Subjetividad*. Buenos Aires, Argentina; Barcelona, Espanha; Cidade do México, México: Paidós. pp.185-204. in Schnitman, Dora Fried; Schnitman, Jorge (éds.). 2002. *New Paradigm, Culture and Subjectivity* Cresskill, N.J.: Hampton Press.

entanto, os dois aspectos permanecerão interligados, remetendo um ao outro, dado que a ecosofia é “ao mesmo tempo prática e especulativa, ético-política e estética” (Guattari 1989c: 70) e que o “novo paradigma estético tem implicações ético-políticas porque falar de criação é falar de responsabilidade da instância criadora em relação à coisa criada” (Guattari 1992:149).

Em “Uma mudança de paradigma” não há distinção entre esses dois aspectos, aliás, quando Guattari aborda na sequência do texto a “crispação coletiva conservadora”, o congelamento do *socius* que acompanha “as devastações que incidem sobre os antigos modos de subjetivação” (Guattari 2019: 8; cf. Guattari 1988). Ele denuncia assim a incapacidade dos modelos dominantes da saúde mental de apreender as novas categorias de renegados oriundas das flutuações históricas da produção de subjetividade, eles são portanto incapazes de tratá-los tanto na teoria quanto na prática. Duplo fracasso: seja ético em sustentar as subjetividades menores, seja especulativo em apreender sua emergência. Contra esses conservadorismos no campo “psi”, Guattari nos anuncia então a emergência de “todo um pensamento da autorreferência e dos processos longe do equilíbrio” (Guattari 2019: 8). Não tenhamos ilusões, quando Guattari denuncia o paradigma cientificista, não se trata de tirar a credibilidade da ciência mas antes de uma concepção (conservadora) desta. Contra o modelo-reductor-cientificista do inconsciente, ele irá opor assim 1) sua metamodelização (cartografias esquizoanalíticas), 2) um inconsciente maquínico em que “a diferença trazida pela autopoiése maquínica está fundada no desequilíbrio (Guattari 1992: 59) e 3) “a transversalidade caósica própria à complexidade dos objetos ecosóficis” (Guattari 1992: 176). Portanto, de acordo com Guattari, é preciso pôr um fim na compartimentação de disciplinas não apenas para avaliar a transversalidade singular de cada caso, mas também para reinserir as disciplinas em agenciamentos que possibilitam aos indivíduos de se reapropriar dos meios de produção de sua subjetividade. Isso porque a transversalidade também é o grau de liberdade, uma assunção que cada um tem sobre sua vida, sobre a multiplicidade dos processos de subjetivação dos quais somos o ponto de cruzamento, em suma, nossa capacidade de agir. O paradigma ético-estético promove especulações com vocação ética, no presente caso cartografias que permitem tanto apreender as singularidades de uma situação quanto criá-las, uma metamodelização indissociável da práxis, já que se trata “antes de tudo, enfatiza Guattari, de reforçar coletivamente os elos do *socius*” (Guattari 2019: 9; cf. Guattari 1989b: 52.)

Para entendermos melhor a importância dessa mudança de paradigma para Guattari, é preciso explicar que, quando ele critica as antigas teorias por não serem capazes de levar em conta as transformações na produção de subjetividade, ele não quer, no entanto,

pp.129-144.) e que ele define o conceito alguns meses antes em “L'oralité machinique et l'écologie du virtuel” que é a contribuição que ele propõe no âmbito de *Polyphonix 16* no Québec no Canadá dia 16 de junho de 1991 (in Chamberland, Roger; Martel, Richard (éds.). 1992. *Oralités - Polyphonix 16*. Québec, Canada: Les Éditions Intervention. pp.25-32).

eliminar a terapia familiar ou a psicanálise, mas fazer com que elas se reconectem com a criatividade inerente a todo gesto especulativo indissociável da vitalidade tanto da ciência e da filosofia quanto da arte. Nesse sentido, Guattari ampliará sua acusação de um cientificismo conservador esterilizante, já que em 1990 sua “perspectiva consiste em fazer as ciências humanas e sociais transitarem dos paradigmas cientificistas rumo a paradigmas ético-estéticos” (Guattari 1992: 24)⁵ De modo que as cartografias esquizoanalíticas félixianas se inspiram explicitamente na inventividade de Freud, sendo “concebidas de modo a que as formações de subjetividade estejam essencialmente abertas a uma pragmática ético-estética.” (Guattari 2012b: 81-82; cf. Guattari 1989b: 41-42; 1992: 23-24)

Por fim, nesse último parágrafo, Guattari esboça um rápido balanço otimista do estado da *Rede de Alternativa à psiquiatria* e enfatiza que ela não deve ater-se a posturas de reivindicação, mas que também é necessário lançar programas de formação e experimentar novas modalidades de produção de subjetividade (novas práticas). Esse será, contudo, o último grande encontro internacional da rede, embora ela permaneça ativa e tais atividades se concentrem em seguida, em torno da equipe de Trieste. Guattari permanecerá particularmente entusista do trabalho efetuado pela equipe de Franco Rotelli, que sucedeu Franco Basaglia em Trieste. “O estado de espírito da equipe de Trieste é particularmente positivo e construtivo. O hospital de Trieste foi transformado num centro cultural internacional que intervém para a transformação dos hospitais na Itália, mas também na Espanha, na Grécia, etc.” Guattari, Nau 1989: 19; cf. Guattari 1998: 56; 2012b: 74, 84) Apaixonado pela criação institucional da equipe de Trieste, que tornou-se a referência mundial em políticas públicas de saúde mental no início dos anos 1990, Guattari sugere torná-la um centro de formação para relançar a rede de alternativa à psiquiatria. Sugestão que entra, portanto em ressonância com a proposta conclusiva de sua conferência em dezembro de 1986.

Por todas essas razões, “Uma mudança de paradigma” é um estimulante instantâneo do pensamento guattariano num período de transição, aquele que marca a chegada de uma primavera ecosófica para expulsar um inverno que perdura, o paradigma ético-estético sendo uma resposta direta ao congelamento do *socius* (Guattari 1988). Nessa intervenção Guattari faz claramente seu inventário habitual: CMI, revolução molecular, perigo do conservadorismo e crítica do cientificismo. Mas, acima de tudo, ele expõe pela primeira vez sua ideia de um *paradigma ético-estético*: um engajamento ético-político pela diversidade conjugada com uma atitude criativa tanto na teoria quanto na prática. Se a constatação geral de Guattari permanece em seguida sensivelmente a mesma, seu paradigma ético-estético será antes o objeto de vários desenvolvimentos até constituir os elementos característicos de sua *ecosofia*. Ou seja, uma responsabilidade em relação aos

⁵ Há de se precisar que o capítulo “Sobre a produção da subjetividade” de *Caosmose* é proveniente do seminário de Guattari organizado pelo Colégio Internacional de Estudos Filosóficos Transdisciplinares, dia 13 de agosto de 1990 na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ).

devires minoritários para apoiar a revolução molecular e responder às devastações do CMI que congela o *socius*, assim como um *novo paradigma estético* para barrar conservadorismos e cientificismos: o conjunto da obra articulando-se às utilizações inovadoras das novas tecnologias características da *era pós-midiática* que a ecosofia convoca. No entanto, os aspectos mais importantes de tais elementos já estão bem presentes nesse inédito.

Bibliografia

- Guattari, Félix. 1986a. *Les années d'hivers 1980-1985*. Paris, France: Les prairies ordinaires, coll. Essais, [2009].
- Guattari, Félix. 1986b. « Modélisation "psy" et prétention scientifique » in *Sens et place des connaissances dans la société vol.1*. (éd.) Jean Pierre Dupuy. Paris, France: CNRS. pp.41-72.
- Guattari, Félix. 1987. « Les dimensions inconscientes de l'assistance » in *Chimères 1*, pp.117-122.
- Guattari, Félix. 1988. « Glaciation » in *Lignes 3/4*, p.125.
- Guattari, Félix. 1989a. « Un média pour les mouvements? » in *Terminal 42* (février), p.14.
- Guattari, Félix. 1989b. *Cartographies schizoanalytiques*. Paris, France: Galilée, coll. L'espace critique.
- Guattari, Félix. 1989c. *Les trois écologies*. Paris, France: Galilée, coll. L'espace critique.
- Guattari, Félix. 1992. *Chaosmose*. Paris, France: Galilée, coll. L'espace critique.
- Guattari, Félix. 1998. *El devenir de la subjetividad: conferencias, entrevistas, dialogos (Chile, 1991)*. Santiago, Chili: Dolmen, coll. Dolmen ensayo.
- Guattari, Félix. 2012a. *La révolution moléculaire*. (éd.) Nadaud, Stéphane. Paris, France: Les prairies ordinaires, coll. Essais. [1977; 1980].
- Guattari, Félix. 2012b. *De Leros à La Borde*. Paris: Lignes, coll. Archives de la pensée critique. 128p.
- Guattari, Félix. 2013. *Qu'est-ce que l'écologie?* (éd.) Nadaud, Stéphane. Paris, France: Lignes/IMEC.
- Guattari, Félix. 2019. « Un changement de paradigme » in *La Deleuziana 9* « Clinique schizoanalytique », (éd.) Laberge, Jean-Sébastien; Centro Félix Guattari – Montevideo, Uruguay, pp.6-9.
- Guattari, Félix; Nau, Jean Yves. 1989. « Un entretien avec Félix Guattari » in *Le Monde 6* septembre, pp.19.
- Guattari, Félix; Rolnik, Suely. 2007. *Micropolitiques*. Paris, France: Les empêcheur de pensée en rond. [1986].

Prince, Bernard; Videcoq, Emmanuel. 2005. « Félix Guattari et les agencements post-média. L'expérience de radio Tomate et du minitel Alter » in *Multitudes* 2/21, pp.23-30.